

# PRÊMIOS E OFERENDAS VOTIVAS DE BRONZE NAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS DA ANTIGÜIDADE CLÁSSICA

MARIA ISABEL D'AGOSTINO FLEMING

Museu de Arqueologia e Etnologia –  
Universidade de São Paulo

## RESUMO

Vários são os símbolos associados ao atleta vencedor das competições esportivas da Antigüidade Clássica: a coroa de folhas de oliveira ou de louro, a palma e uma simples fita de lã vermelha que cingia a cabeça daquele que era aclamado como verdadeiro herói, quando os arautos proclamavam seu nome, o de seu pai e o da cidade onde nasceu. Era uma atribuição da cidade natal do atleta garantir-lhe uma glória durável e dar-lhe o direito de colocar uma estátua num santuário. O sucesso obtido era um favor dos deuses que, em reconhecimento, recebiam oferendas. Entre esses ex-votos, destacam-se os prêmios recebidos nas competições, como tripés de bronze. Uma outra categoria confeccionada após os jogos são as estatuetas ou estátuas alusivas às provas vencidas, algumas encomendadas aos grandes escultores da época. As fontes literárias mencionam esculturas de bronze legendárias que adornavam, sobretudo, os santuários de Olímpia e Delfos. Dessas, grande parte se perdeu, chegando até nós apenas cópias romanas de mármore, em sua maioria, testemunhos que a Arqueologia recuperou.

**Palavras-chave:** Oferendas votivas; Bronzes; Competições esportivas; Antigüidade Clássica.

Há uma associação muito íntima entre os prêmios de competições esportivas e as oferendas de bronze em santuários, na medida em que muitos dos prêmios acabaram sendo dedicados aos deuses posteriormente como agradecimento à vitória. Assim, a última localização define os prêmios como oferendas ou ex-votos. Esta é, na realidade, uma confirmação do caráter sagrado das competições entre os gregos. Os jogos, por ocasião das principais festas religiosas, eram todos associados a um santuário preciso e a um culto bem definido.

Entretanto, é possível, num primeiro momento, separar essas duas categorias, isto é, prêmios e oferendas votivas. Na primeira categoria (*prêmios*) estão os tripés; e na segunda (*oferendas votivas*), a grande estatuária de bronze, as estatuetas e outros objetos de bronze.

## TRIPÉS

Sabe-se que na antigüidade recuada era uso dar uma recompensa de objetos de bronze nos jogos; o bronze era considerado, então, como um metal precioso. Os mais freqüentes eram os tripés, guardados como objetos práticos e decorativos ou, ainda, consagrados aos deuses. Este uso explica como um grande número de tripés foi encontrado em templos e localidades como Delfos e Olímpia.

Os tripés eram atribuídos como prêmios nas seguintes ocasiões: a) nas corridas de carros, desde o período homérico; b) nas corridas de cavalos; c) na corrida a pé; d) nos jogos de palestra, pugilato e lutas atléticas.

Estatuetas e tripés são, ainda hoje, recolhidos em terras que foram inúmeras vezes removidas na antigüidade: em Delfos, para fazer terraços, em Olímpia, para preencher os poços, cavados a cada quatro anos para dar de beber ao público dos jogos (Fig. 1).

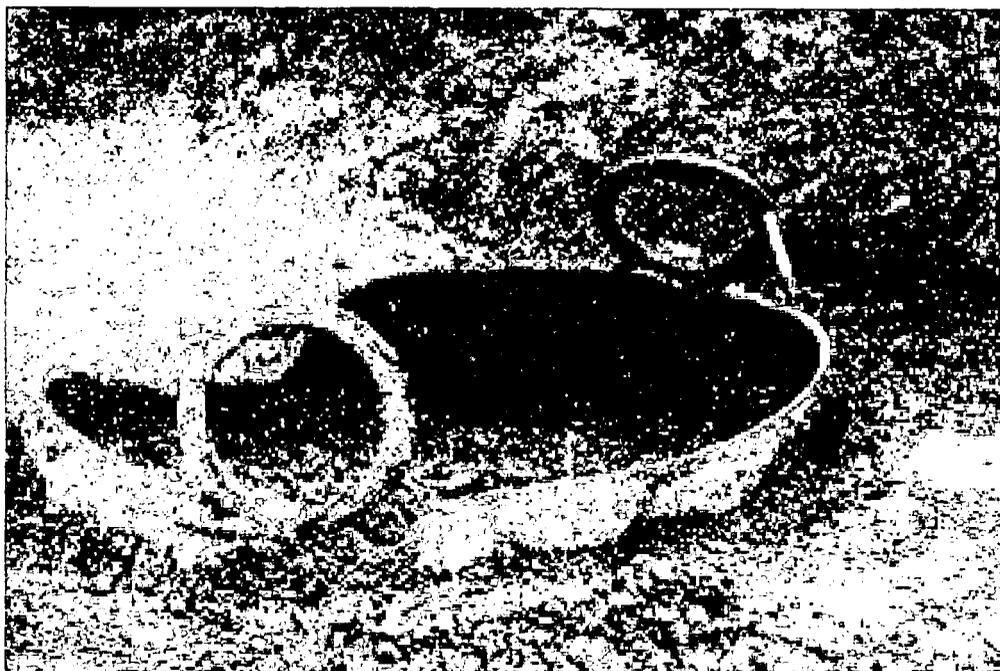


Figura 1 – Tripé de bronze no seu contexto de escavação no santuário de Olímpia. Grécia séc. X a.C. E. Kunze; H. Schleis, *Bericht über die Ausgrabungen in Olympia*, Vol. 7, Abb. 14, p. 23.

Posteriormente às figurinhas de terracota e às estatuetas de bronze dedicadas a Zeus é que aparecem os tripés com esta mesma função. Este tipo de ex-voto terá um enorme sucesso: mesmo fora do contexto esportivo, em quase todos os santuários da Grécia, qualquer que tenha sido a divindade titular, foram encontrados tripés. Mais tarde, o tripé, munido de uma

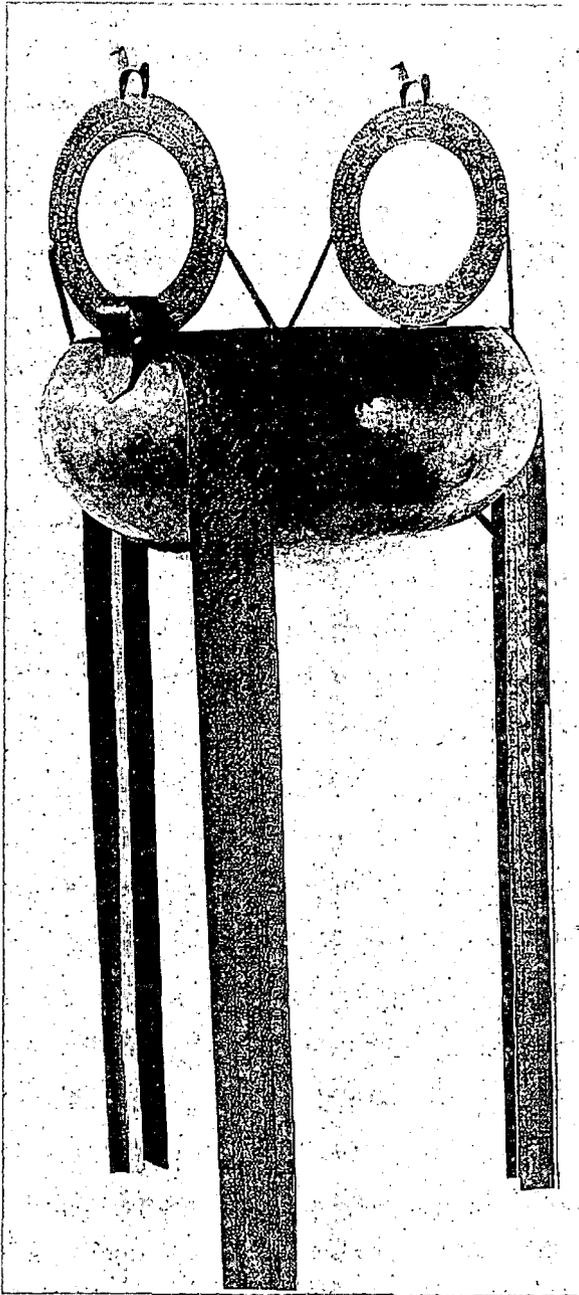


Figura 2 – Tripé de bronze ático, do final do séc. VIII, reconstituído. A. Jacquemin, *Trépieds Delphiques. Les Dossiers d'Archéologie*, 151, p. 16.

ções. É o caso de um tripé de Delfos, do final do séc. VIII a.C., com 1,54 m de altura aproximadamente (Fig. 2).

tampa, especializar-se-á, tornando-se o assento da Pítia e o símbolo do oráculo de Apolo em Delfos.

Mas por que o tripé teve tanto sucesso? Por que tal objeto, que é, evidentemente, um utensílio de cozinha, ainda que tivesse também uma função cultural nas cerimônias em que as carnes eram cozidas em honra aos deuses, e cuja forma remonta ao período micênico? Só há uma explicação: a raridade e o preço do bronze em períodos mais antigos. Antes da invenção da grande estatuária, o tripé é o objeto mais precioso que se sabia fabricar e que se podia dedicar aos deuses ou usar como prêmios dos grandes concursos. (Rolley, 1983, p. 53)

De fato, alguns exemplares atingiram grandes proporções, conforme atestam as fontes arqueológicas. Numa ânfora ática de figuras negras, do séc. VI a.C., do Museu Nacional de Copenhague, o vencedor de uma competição, rodeado de outros atletas, é representado sob um enorme tripé, tentando erguê-lo sobre os ombros. Num friso do conhecido vaso François, um grupo de juízes aguarda o vencedor da corrida de cavalos junto ao tripé que os iguala em altura. As fontes iconográficas são confirmadas pelos achados arqueológicos, tanto de objetos relativamente bem conservados, como de fragmentos que permitiram boas reconstituições.

**EX-VOTOS: A GRANDE ESTATUÁRIA, AS ESTATUETAS E OUTROS OBJETOS**

**Estátuas**

Nas cidades de origem dos atletas, suas vitórias deviam dar-lhes uma glória durável e o direito de colocarem suas estátuas num santuário.

Havia em Olímpia e em Delfos pequenos edifícios construídos às expensas de diferentes cidades e destinados a proteger as oferendas e as estátuas mais preciosas. Eram os "Tesouros" alinhados em Olímpia, no Terraço dos Tesouros, e, em Delfos, ao longo da Via Sacra que sobe ao templo de Apolo.

Essas estátuas, dos séculos VI ao IV a.C. têm duas funções bem específicas: ao ar livre ou sob um simples abrigo, pode ser a estátua do deus proprietário do lugar. Uma dedicatória pública, sempre feita numa ocasião determinada, está, em geral, escrita na base; um outro grupo de estátuas tem, na vida política e religiosa da Grécia arcaica e clássica, um sentido muito preciso. São os ex-votos erigidos pelas cidades nos grandes santuários, sob o pretexto de um agradecimento ao deus, mas com a intenção clara de proclamar a glória dos ofertantes; trata-se seja de vencedores das provas nos grandes jogos, seja de generais vencedores de batalhas importantes. Os textos, à vezes muito longos, gravados nas bases, lembram ao visitante, sem equívoco, o sentido do monumento. As inscrições são freqüentemente em versos (nome, nome do pai, da cidade e do escultor).

No final do período helenístico (c. sécs. II-I a.C.), havia na Grécia um número impressionante de estátuas de bronze: 3000 em Rodes, segundo Plínio; perto de 800 foram levadas para Roma por M. Fulvio Nobilior quando tomou Ambracia (no ocidente do Epiro); em Olímpia, 1000, no mínimo, contando as que são atestadas mais os fragmentos. Se restaram tão poucas é porque, evidentemente, o bronze se refunde.

As primeiras estátuas dedicadas em Olímpia pelos atletas eram de madeira. Tanto essas quanto as primeiras de bronze eram individualizadas somente pelas inscrições, mas, a partir do momento em que a arte grega foi capaz de fixar a semelhança individual, as estátuas devem ter sido retratos em grande parte.

Segundo Plínio, somente após três vitórias um atleta teria tido o direito de dedicar uma estátua reproduzindo seus traços: houve muitas exceções, sobretudo entre os concorrentes das provas hípicas.

Segundo Luciano, as estátuas não deviam ser maiores que o tamanho natural: exceções aqui também.

Ao lado das estátuas dos atletas, eram erigidas estátuas de mestres por pupilos vencedores, bem como monumentos eqüestres, carros atrelados ou cavalos montados (Fig. 3).

O conjunto de estátuas mais famoso no contexto das competições esportivas é o do Auriga, condutor de carros de corrida, encontrado no santuário de Delfos, em 1896.

Objeto de muitas controvérsias entre os especialistas, exatamente pela sua condição muito fragmentária, do conjunto restam a figura do Auriga, inúmeros fragmentos dos cavalos e do carro e um bloco da base, com uma parte da inscrição. Na mais recente interpretação, Claude Rolley (Jacquemin et al, 1990, p. 34) analisa a questão da dedicatória das estátuas que se encontra na raiz de todos os problemas subseqüentes relativos à composição do conjunto e ao vencedor da prova a que as estátuas aludem. Polizalo, autor da dedicatória e tirano de Gela, inicialmente foi tido como o alvo das homenagens e vitórias nas corridas a cavalo e de carros. Entretanto, nas fontes literárias (Píndaro, Baquilides) não há referências a suas vitórias, mas somente às de seus irmãos Hierão e Gelão, da família dos Dinomênidas. Hierão, tirano de Siracusa, venceu duas vezes em Olímpia e em Delfos estas duas modalidades de competições.

Pausânias descreve um monumento, em Olímpia, provavelmente um paralelo ao conjunto de Delfos. Foi erigido pelo filho de Hierão, Dinômeno, que cumpriu o desejo de seu pai, morto subitamente logo após sua vitória no hipódromo de Olímpia, dedicando em seu nome um monumento que mostrava um carro enquadrado por dois cavalos montados.

Deve-se pensar que, com a morte de Hierão, seu irmão Polizalo e seu filho dividiram o acabamento das oferendas que ele devia a Zeus e a Apolo.

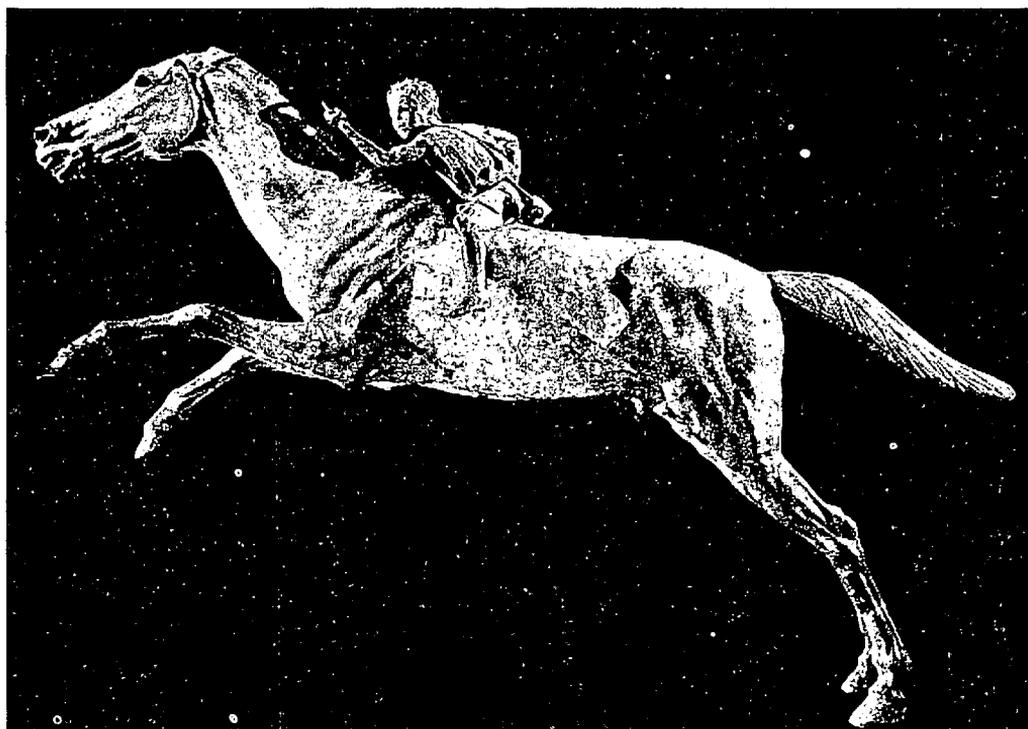


Figura 3 – Estátua de bronze de cavalo e cavaleiro jovem. Eubéia, séc. II a.C. A cauda é moderna. Comprimento sem a cauda, 2,50 m. Cl. Rolley, *Les Bronzes Grecs*, Fig. 26.

No conjunto reconstituído, as figuras laterais em pé – antes consideradas como dois meninos que puxavam o carro para uma volta de consagração após a vitória, segurando os cavalos pelas rédeas – seriam os jóqueis que montavam os cavalos das duas vitórias. Desta forma, a data do monumento deve remontar ao período logo após a morte de Hierão: 467-466 a.C. (Fig. 4).

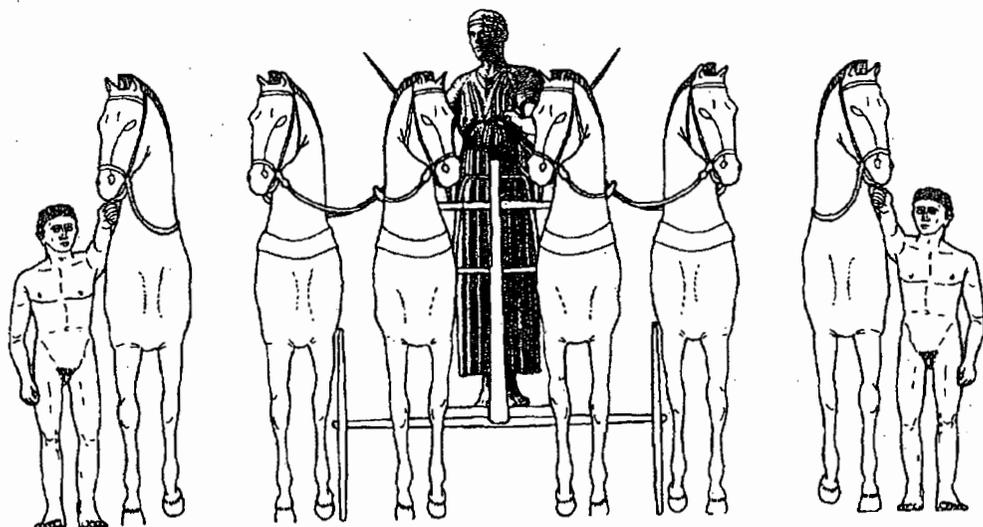


Figura 4 – Grupo do Auriga de Delfos, séc. V a.C., reconstituição. Cl. Rolley *et al*, *Les Concours. Les Dossiers d'Archéologie*, 151, p. 34.

### Estatuetas e outros objetos

Além das estátuas e grupos erigidos no Áltis, o bosque sagrado de Olímpia, os olímpionicos consagravam a Zeus ex-votos de todo o tipo, que se conservavam no Tesouro do templo. É provável que esses ex-votos, frequentemente muito modestos, na origem fossem as únicas lembranças de suas vitórias que os vencedores deixassem ao deus: desde os tempos mais antigos, apresentam-se, sob formas de estatuetas de bronze ou terracota, homens, carros ou cavalos (Figs. 5, 6, 7 e 8), que foram encontrados em grande quantidade em escavações, ou objetos que serviam nos jogos (discos de pedra, carros) – estes últimos talvez fossem a primeira forma usada para comemorar as vi-



Figura 5 – Estatueta de bronze de corredora espartana, séc. VI a.C. N. Yalouris, *The Olympic Games*, Fig. 78.

tórias equestres.

Ocorria que fossem magníficos. Alguns exemplos relacionam-se a honras prestadas aos deuses por vitórias na quadriga – corrida de carros puxados por quatro cavalos:

- um *thálamos* (leito matrimonial) de bronze de 500 talentos de Egina foi consagrado a Zeus por Míron, tirano de Sicione (Olimpíada 33, 648 a.C.).

- Periandro, tirano de Corinto, dedicou uma estátua a Zeus, de ouro.

- Milcíades, filho de Cípselo de Atenas, dedicou o “chifre de Amalteu” em marfim.

### Documentação

Baseando-nos na tradição, há uma dificuldade em documentar o volume real desses prêmios e oferendas votivas de bronze. Em primeiro lugar, muito se perdeu, ou porque foi retirado dos locais de origem, ou devido à refusão do bronze. Em segundo lugar, o que existe está disperso em museus e coleções particulares do mundo todo. E, finalmente, muitas peças não têm documentação suficiente para

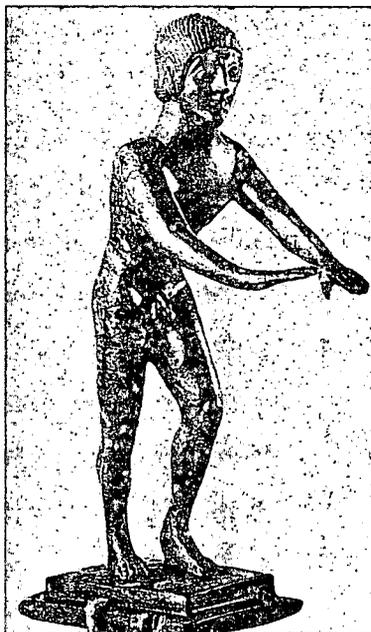


Figura 6 – Estatueta de bronze de corredor em posição de partida, séc. V a.C. N. Yalouris, *The Olympic Games*, Fig. 66; Figura 7 – Estatueta de bronze de atleta lançando o disco. Peloponeso, séc. V a.C. J.R. Martens, *Greek Bronzes in the Metropolitan Museum*, n. 21; Figura 8 – Estatuetas de bronze de atletas: o da esquerda segura halteres com a mão esquerda, utilizados para o salto em distância, e na mão direita, provavelmente, tem os restos de uma coroa. Ática, séc. V a.C. Cl. Rolley, *Les Bronzes Grecs*, n. 88.

atestar sua origem (local de fabricação) ou proveniência (local de achado).

Esses exemplares, ainda que possam ter sido encontrados fora de seu contexto original, em sua grande parte, pela sua iconografia e atributos, indicam uma relação muito estreita com o ambiente das competições, dada a frequência com que aconteciam esses jogos, que eram a grande ligação entre as cidades gregas. Com efeito, foi entre o início do século VI e a metade do século V a.C. que a Grécia realizou plenamente o equilíbrio entre sua diversidade e sua profunda unidade, sobretudo frente ao chamado mundo bárbaro, isto é, aqueles que não falavam grego. É a participação comum nos grandes jogos, sobretudo em Olímpia e Delfos, que traduz este sentido de pertencer a uma mesma civilização. Assim, a cultura se concretiza em torno das grandes festas religiosas, acompanhadas de jogos em datas regulares:

- Olimpíadas: a cada quatro anos – jogos olímpicos – Olímpia;
- Jogos Pítios: a cada quatro anos – consagrados a Apolo – Delfos;
- Jogos Ístmicos: a cada dois anos – em honra a Poseidão – Istmo de Corinto;
- Jogos de Neméia: a cada dois anos – consagrados a Zeus – Neméia;
- Jogos Panatenaicos: a cada ano – Atenas.

O calendário repartia de forma harmoniosa esses jogos de modo a permitir a participação de um atleta em todos eles. Paralelamente, a produção dos ex-votos foi profundamente influenciada em seu conjunto por esses eventos regulares. Mesmo em períodos de guerra, havia uma afluência aos santuários de espectadores e artistas de toda a Grécia que podiam apreciar essas estátuas, estatuetas e objetos de bronze que serviriam de referência para as produções de outras partes do mundo colonial grego do Ocidente.

FLEMING, M. I. A. Bronze prizes and offerings at sport competitions in Antiquity. *Classica*, São Paulo, v. 9/10, n. 9/10, p. 73-81, 1996/1997.

#### ABSTRACT

Various are the symbols associated to the winner of sporting competitions in the Classical Antiquity: the crown of olive or laurel leaves, the palm and a simple red wool ribbon girding the head of the who was acclaimed as a true hero, as the heralds proclaimed his name, his father's and that of the town where he had been born. It was supposed his hometown to warrant him an enduring glory and to give him the right to place a statue in a sanctuary. The obtained success was a gift of the gods who, in acknowledgement, received offerings. Among these, the prizes won in competition, such as bronze tripods, were prominent. Another category, manufactured after the games were over, are the statuettes or statues alluding to the victories, some of which ordered to the great sculptors of the epoch. Literary sources mention bronze legendary sculptures which adorned mainly the sanctuaries of Olympia and Delphi. A great part of these has been lost; only Roman copies, mostly witnesses recovered by Archaeology, are available to us.

**Key-words:** Votive offerings; Bronzes; Sportings competitions; Classical Antiquity.

### Referências bibliográficas

- JACQUEMIN, A. Trépieds Delphiques. *Les Dossiers d'Archéologie*. Dijon, n. 151, p. 14-19, 1990.
- JACQUEMIN, Anne; ROLLEY, Claude; QUEYREL, François; BÉLIS, Annie. Les Concours. *Les Dossiers d'Archéologie*. Dijon, n. 32-34, 1990.
- KUNZE, E.; SCHLEIS, H. *Bericht über die Ausgrabungen in Olympia*. v. 7. Berlin: Verlag Walter De Gruyter & Co., 1961.
- MERTENS, J.R. *Greek Bronzes in the British Museum*. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1985.
- MEYER, Laure. Le Jeux dans la Vie et l'Art Grecs. *Archeologia*. Dijon, n. 256, p. 18-27, 1990.
- ROLLEY, Cl. *Les Bronzes Grecs*. Fribourg: Office du Livre, 1983.
- YALOURIS, N. (dir.) *The Olympic Games*. Atenas: Ekdotike S.A., 1976.